



5615 - Pôster - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)
GT22 - Educação Ambiental

A MEMÓRIA COLETIVA EM UMA COMUNIDADE TRADICIONAL PESQUEIRA DA AMAZÔNIA: UM ESTUDO SOBRE A MEMÓRIA DO GRUPO AMBIENTAL DE FORTALEZINHA

Adriele de Fátima de Lima Barbosa - UEPA - Universidade do Estado do Pará
Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES/DS

A MEMÓRIA COLETIVA EM UMA COMUNIDADE TRADICIONAL PESQUEIRA DA AMAZÔNIA: UM ESTUDO SOBRE A MEMÓRIA DO GRUPO AMBIENTAL DE FORTALEZINHA

Resumo

O presente debate é resultado de algumas reflexões fomentadas no transcórper do contato com alguns teóricos do campo da memória, enquanto mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará. Tencionando compreender o papel da memória na perspectiva do conceito de Le Goff (2013), Nora (1993), dialogando também com Michael Pollak (1989), subsidiando a construção epistêmica da importância da memória do Grupo Ambiental de Fortalezinha, que em sua experiência durante atuação em uma comunidade tradicional pesqueira e de seus sujeitos no espaço amazônico, possibilitam no encadeamento de um estudo acerca da prática de educação ambiental a partir da memória subalternizada do Grupo Ambiental de Fortalezinha, que historicamente foi silenciada no contexto da memória oficial no que tange ao contexto da educação ambiental amazônica. Desse modo, o trabalho está alicerçado em uma abordagem qualitativa, partindo da pesquisa de campo e levantamento bibliográfico.

Palavras-chave: Educação Ambiental, Memória, Comunidade Tradicional, Grupo Ambiental de Fortalezinha.

Introdução

Identificando na relação da memória com a história, há uma convergência na fundamentação com estudo sobre o GAF com a educação ambiental, resultando assim para uma reflexão mais específica e singular no campo das memórias individuais que resultam em memórias coletivas de grupos sociais excluídos pela lógica da memória nacional, oportunizando uma visibilidade epistemológica para os conhecimentos, saberes e experiência procedente da memória dos povos tradicionais pesqueiros da Amazônia envolvidos em uma ação coletiva educativa.

O grupo teve início no ano de 1997, localizado na vila de Fortalezinha inserida no contexto da Área de Proteção Ambiental (APA) de Algodão/ Maiandeuá, na região nordeste do estado do Pará. Tendo como finalidade a promoção e contribuição em proposições de ações educativas no campo da educação ambiental, que possibilitassem melhorias na qualidade de vida da população de Fortalezinha e também de outras localidades da ilha de Maiandeuá.

A criação do grupo foi realizada pelos moradores da Vila de Fortalezinha, que identificaram algumas problemáticas envolvendo questões socioambientais da localidade e assim promoveram no ano de 1997 o protagonismo das mulheres e dos jovens pescadores e refletiram estratégias na perspectiva da educação ambiental.

A preocupação da comunidade era garantir a forma de vida dos pescadores locais, tradições, saberes e vivências, centralizando suas atividades na valorização do saber, na construção de uma educação socioambiental voltada para autonomia, reflexão e participação de homens e mulheres da Vila de Fortalezinha e de respeito com a natureza. Atualmente o grupo encontra-se desativado, contudo durante sua atuação no período de dez anos na comunidade, o GAF teve uma significativa contribuição na construção de uma memória individual e coletiva para os moradores da localidade, principalmente no âmbito da educação ambiental e na relação da comunidade com a natureza.

Os moradores e antigos associados ao grupo tem uma memória afetiva e social em relação ao GAF e retomam quando interpelados sobre a importância das ações coletivas desenvolvidas pelo grupo na vila de Fortalezinha, em algumas narrativas expressam certo descontentamento pela ausência do GAF, principalmente no contexto atual que APA de Fortalezinha se encontra, onde são identificados e evidenciados nos relatos dos moradores problemas ambientais, como exemplo a derrubada de árvores centenárias, retirada de pedras da praia para construção de barragens, a presença de motocicletas, o aumento do lixo e ausência de uma coleta seletiva.

Subsidiando nesse direcionamento o estudo da memória do GAF é relevante na construção de um parâmetro epistemológico contra hegemônico, que assegure e legitime a memória de uma comunidade tradicional envolvida em uma ação coletiva, na qual é silenciada e invisibilizada pela ciência moderna e também no contexto da memória oficial.

A memória na Perspectiva de Le Goff e Pierre Nora na contribuição do debate da memória do Grupo Ambiental de Fortalezinha

Le Goff (2013) apresenta duas concepções de extrema relevância na construção do debate da memória do Grupo Ambiental de Fortalezinha, a primeira designa a memória como um elemento principal da identidade, podendo ser

individual ou coletiva, considerando esse aspecto, a memória do GAF favorece no registro de afirmação da identidade de uma comunidade tradicional pesqueira na Amazônia, engajado em uma ação coletiva de caráter socioambiental na promoção de uma educação ambiental, buscando valorizar a qualidade de vida dos moradores, assim como patrimônio social, cultural e ambiental da Vila de Fortalezinha.

A segunda é a memória social como uma construção que emerge a partir da memória oral, nesse direcionamento o estudo sobre a memória do GAF é assentado nas narrativas dos moradores envolvidos na experiência da ação coletiva, revelando através suas respectivas memórias individuais e seus saberes, uma possibilidade de interpelar em uma memória coletiva do GAF.

O papel que a memória dos ex-integrantes do GAF é uma possibilidade de reconstituir a história de dez anos do grupo em Fortalezinha, criando espaço de debates em torno da educação ambiental, de saberes tradicionais relacionados com a natureza, de conhecimentos e experiências desses atores. Ressalta-se que dentro de um contexto de Área de Proteção Ambiental é primordial considerar a memória de um grupo que esteve voltado para questões de conservação ambiental e tiveram uma participação como agentes educativos no encadeamento das ações realizadas durante o tempo de atuação do grupo.

É sobre a relação da memória com a história, encaminha-se no pensamento de Nora (1992), a qual identifica em seu texto a problemática da globalização como um fator bloqueador da memória, onde singulariza o mundo e os meios de comunicação acabam exercendo um papel principal, em uma lógica de alteração do tempo e aumento da dinâmica da história, o novo acaba conduzindo a vida, há uma aceleração da história, em oposição ao efeito devastador da rapidez da história contemporânea, segurar traços e indícios do passado torna-se a única alternativa.

A pesquisa acerca da memória do GAF é essencial para o registro da narrativas dos moradores da comunidade de Fortalezinha, tencionando resguardar os acontecimentos que ocorreram no passado com o grupo e suas respectivas ações, revelando uma nova possibilidade de compreender como foi o percurso do grupo na comunidade, por meio de um panorama plural e singular específico da realidade pesqueira, substanciando para um contra-argumento da universalização da história, ocasionada e intensificado pela globalização.

A memória do GAF faz parte da vida dos sujeitos participantes durante sua atuação em Fortalezinha, ainda presente no cotidiano de muitos moradores e é na possibilidade do estudo dessa memória, que a história do grupo é concebida. “Tudo o que é chamado hoje de memória não é, portanto, memória, mas já história. (...) a necessidade de memória é uma necessidade da história” (NORA, 1993, p. 14). Debater sobre memória é também debater sobre história, história de vidas, história de uma comunidade, história de uma cultura, de saberes, de conhecimentos e de experiência.

O Grupo Ambiental de Fortalezinha tem sua história assentada na oralidade de seus respectivos atores que participaram da ação na comunidade, se caracterizando como uma memória subalternizada, pois emerge do grupo de pessoas excluídas da construção da memória oficial. Desse modo, Pollak (1989) possibilita um entendimento da memória a partir dos fatos sociais, na perspectiva da memória coletiva, a qual envolve processos e sujeitos, que interferem diretamente na criação e na formalização das memórias.

As vozes do GAF: a memória coletiva do Grupo Ambiental de Fortalezinha na Educação Ambiental Amazônica

As narrativas dos ex-participantes do GAF, são elementos essenciais na tessitura desse estudo, assentada nas vozes dos atores da ação coletiva gafiana através da história oral, é concedida uma reconstituição da memória coletiva a partir da memória individual desses sujeitos. Pollak (1989) fundamenta a concepção de memória individual como parte integrante da memória coletiva, em uma abordagem de memória subterrâneas, atuantes no silenciamento da sociedade, seu aparecimento só é estabelecido no momento de crises sociais.

Embora o GAF encontra-se desativado atualmente, ainda ecoa pelas falas dos moradores sobre sua importância para a comunidade, contudo percebe-se que há um silenciamento, quando se questiona os motivos que levaram o término do grupo, parte dos moradores externalizam de forma implícita, que fatores de ordem de desentendimento interno entre alguns participantes ocasionou no fim das atividades do grupo, mas não fica evidenciado o real motivo do fim do GAF. “Nesse caso, o silêncio tem razões bastante complexas. Para poder relatar seus sofrimentos, uma pessoa precisa antes de mais nada encontrar uma escuta” (POLLAK, 1989, p. 6).

Os moradores mais antigos lembram, que durante a atuação do grupo havia um trabalho educativo para combater essas ações prejudiciais para APA, no entanto com o fim do grupo e ausência de uma fiscalização mais intensa, os problemas ambientais ficaram mais intensos no cotidiano da vila. A memória do GAF está diretamente ligada à função de uma conscientização ambiental, tangenciada por uma educação ambiental, a qual esteve fundamentada em saberes, vivências e conhecimentos específicos de uma comunidade pesqueira, organizada por um grupo e operacionada de forma coletiva.

A memória do GAF sobrevive e está embasada nas referências culturais, nas ações educativas, resultantes dos processos formadores no grupo, esse aspecto é percebido através das narrativas dos moradores, lembrando que a atuação no grupo foi um diferencial na formação profissional e pessoal. A memória coletiva do GAF oportuniza compreender uma memória subalternizada pela memória oficial, a qual silenciou historicamente as memórias individuais e consequentemente invisibilizando a história da experiência de um grupo no contexto de uma comunidade tradicional.

Considerações Finais

O estudo acerca da memória do Grupo Ambiental de Fortalezinha sustentou a construção de um debate epistêmico contra-hegemônico, subsidiando para visibilidade de uma memória subalternizada pela memória oficial, orientada pela lógica capital da ciência moderna. Ressalta-se ainda sobre o estudo, a premissa da valorização da história oral de cada

morador de Fortalezinha que participou do grupo, a história de vida, associada aos conhecimentos, saberes emergentes de uma realidade tão diversa e rica de uma ação coletiva de caráter socioambiental.

Com isso o aporte teórico conceitual foi direcionado para o esclarecimento e diálogo de uma experiência singular no contexto de uma comunidade tradicional na Amazônia, uma vez que os conhecimentos decorrentes dessas realidades locais não são incluídos na memória e nem na história das ciências eurocêntricas. A experiência do GAF sua memória e história tem muito a revelar e somar para o campo da educação ambiental na Amazônia, diante dos avanços da globalização e dos retrocessos políticos, no âmbito da educação e cultura, que travessam o Brasil cada vez mais excluem e universalizam a realidade do norte do país, sem considerar sua especificidade e a pluralidade de saberes existente na região.

Referências

Le Goff, Jacques. **História e memória**. 7ª ed. Campinas, SP. Unicamp, 2013.

Nora, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. São Paulo.

Pollak, Michel. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Tradução do original francês de Dora Rocha Flaksman, Estudos Históricos. Rio de Janeiro. vol.2. n.3. 1989. P.3-15. [<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/43.pdf>].